

GUILHERME DE SOUSA FREIRE

CARTOGRAFIA DA/NA ARTE

Brasília, dezembro de 2013

GUILHERME DE SOUSA FREIRE

CARTOGRAFIA DA/NA ARTE

Mapas como ferramentas de culturas visual e migrante

Trabalho de conclusão de curso de Guilherme de Sousa Freire, habilitação em Artes Plásticas - Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. MA. Mariana Bertelli Pagotto

Brasília, dezembro de 2013

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a todos que fizeram parte do meu processo criativo, cognitivo e profissional. Agradeço primeiramente a Deus, ao Mario por estar sempre presente nos sufocos desses 4 anos e meio, gratidão também a todos os amigos que contribuíram para esse processo: Jacque, Lívia, Luíza e todos os vários outros nomes que não caberiam aqui. Agradecimentos mais que especiais à minha orientadora Mariana Pagotto e aos queridos professores Luiz Carlos Ferreira e Carlos Silva que fizeram parte de um momento muito importante, no qual escolhi ser também um professor.

Sumário

INTRODUÇÃO	4
I - CARTOGRAFIA E ARTE	6
Sobre a cartografia	6
Artes plásticas e mapas	7
Mapas e fundamentos da linguagem visual	9
Utilização da cartografia para a difusão cultural	10
II - CIDADE E CULTURA	12
Processo cultural nas cidades	12
Cultura e seu processo migrante	14
Arte/Educação a partir da cultura migrante	15
III - PROPOSTA PRÁTICA	17
Modelo para utilização de mapas como ensino de Arte.....	17
Aplicação	18
CONCLUSÃO	23
ANEXOS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

Para abordar a temática cartografia é necessário que sejam compreendidas as funções dos mapas e as suas relações com os povos e suas necessidades. Desde conquistas territoriais até a necessidade de se localizar, o homem utiliza a ideia cartográfica de forma cada vez mais expressiva e eficaz.

Na História da Arte, os mapas foram peças bastante presentes. Muitos artistas do Renascimento produziram mapas fazendo deles referências para a cartografia, tanto pela técnica utilizada quanto pelas noções esquemáticas que ainda não eram tão eficazes e modernas como os mapas de hoje em dia. Com o tempo, a produção de mapas por grandes artistas foi dando espaço a processos de maior replicabilidade, fazendo com que cada vez menos houvesse a relação manufatureira entre mapas e artistas.

Posteriormente, mapas e arte se encontram de outras formas. Um exemplo é a utilização de mapas por artistas contemporâneos em suas contextualizações conceituais como objetos de estudo e não mais como produtos finais ou então, mapas usados como relíquias de registro do passado. É nesse ponto importante de relação entre arte e cartografia que a argumentação desse trabalho é fortalecida.

Para compreensão dessa proposta, que sugere que mapas não sejam utilizados apenas como ferramentas de localização, é colocado em evidência o seu uso como objeto de estudo dos Fundamentos da Linguagem Visual, que abordam elementos como formas, volumes, cores, etc. Com o uso do mapa também para a compreensão visual das imagens, a distância entre Arte e Geografia começará a se estreitar.

As formas são o principal tema dessa percepção de mapas fora do campo cartográfico, criando uma relação com as frequentes ocorrências de visualização de imagens realistas em formas abstratas como, por exemplo, a percepção de imagens em nuvens. Essa ocorrência é uma valiosa estratégia para que a utilização de mapas em aulas de arte possa facilmente acessar categorias multidisciplinares de ensino.

Deixando um pouco de lado os mapas e suas formas, outro elemento bastante crucial para o pensamento cartográfico em qualquer estudo é a sua participação nas relações entre povos e culturas. Elementos de relação entre culturas como acumulação, sobreposição e interação, foram em muitos casos acompanhados de influências cartográficas, mesmo quando mapas físicos não estiveram envolvidos diretamente em uma contextualização histórica.

Devido ao contato entre povos, surgem grandes concentrações chamadas cidades. É nessa aglomeração de pessoas de várias culturas que se dá o incentivo de forma mais

consolidada das formas de relações citadas acima. Antes mesmo que essas cidades existissem, suas representações culturais já possuíam um percurso pelo tempo, o que nesse trabalho será chamado de processo migrante, que pretende exemplificar o processo contínuo e não estático de desenvolvimento das culturas e todas as suas ramificações.

Outro ponto que será abordado nesse trabalho, será o processo migrante da contemporaneidade, representado pelas relações virtuais, que também contribuem para que interações e acumulações ganhem ainda mais força. Desse modo, é reforçada a importância da cultura visual no aprendizado.

Como base experimental para a proposta, foi ministrada uma oficina com o intuito de recolher resultados da experiência na prática. Neste caso, a oficina teve um percurso diferente do que será apresentado aqui como proposta. A oficina foi dividida em três etapas. O registro cartográfico partiu de um percurso definido pelo tema "colonização portuguesa no Brasil", buscando as principais relações culturais desde 1500 até os dias de hoje, chegando à Brasília, cidade de residência dos alunos participantes dessa experiência.

Na Arte Educação, cultura visual é um assunto bastante abordado pelos principais teóricos sobre o tema, fazendo com que professores de Arte no mundo inteiro tenham a consciência da importância em utilizar imagens do cotidiano e vivência dos alunos, incentivando ramificações conceituais a partir dos elementos comuns entre os estudantes. Para a proposta que será apresentada, os mapas serão utilizados como imagens e relacionados à vida de alunos, que submetidos à experiência entre cartografia e arte possam perceber as relações entre o lugar presente e os acontecimentos culturais influenciadores de um passado estabelecido pela proposta.

I - CARTOGRAFIA E ARTE

Sobre a cartografia

A história da cartografia começa no registro físico de possíveis mapas gravados em argila encontrados na antiguidade, onde povos traçavam seus registros de forma cartográfica por motivos que variavam da simples configuração de mapeamento até mesmo para traçar estratégias de guerra.

Segundo Fernand July, em seu livro *A Cartografia*, a principal função dos mapas é responder a duas questões: "Onde estou?" e "Onde está esse objeto?" (1990, p.37). Assim, por consequência dessa definição, os mapas foram frequentemente usados por grandes conquistadores no passado, já que, para conquistas territoriais, o conhecimento das terras somente era possível através de coordenadas expressadas em mapas.

Hoje em dia o seu uso está mais comum, graças aos vários processos de evolução que sofreram e ainda sofrerão. Em outras palavras, com a entrada de novas tecnologias, a utilização e produção desses mapas ficaram mais acessíveis e de fácil elaboração, porém, quanto mais antiga é a referência na história da cartografia, menos elaborados e precisos eles são.

Os mapas podem não ser considerados peças de arte, apesar de muitos deles terem sido executados por grandes pintores e desenhistas que, juntamente com sua produção pictórica, também desempenhavam o papel de cartógrafos. A proximidade entre cartografia e arte se dá em vários momentos da história e não apenas no Renascimento durante os séculos XV e XVI. Exemplos desses artistas são os irmãos Limbourg¹ e os irmãos Van Eyck². Os primeiros foram responsáveis pelo início da produção do manuscrito *Très Riches Heures*³ (FIGURA 01), um exemplo das horas medievais, um clássico livro de orações diárias muito comum na Idade Média. Com riqueza de detalhes em suas ilustrações, este manuscrito mostra o potencial cartográfico dos artistas. Dentre os irmãos Van Eyck destaca-se Jan Van Eyck, além de reconhecido pintor do Renascimento, também teve relação mais estreita com a cartografia por estar empregado a ele a suposta produção de uma 'pintura' de um globo terrestre (referência imagética desconhecida) que, segundo o historiador Bartolomeo Facio⁴,

¹ Paul, Hermann e Jean Limbourg nasceram entre 1380 e 1390 e morreram por volta de 1420.

² Hubert e Jan Van Eyck foram parceiros em diversos trabalhos, incluindo os relacionados à cartografia.

³ Iniciado pelos irmãos Limbourg, levou séculos para ser concluído. Possui 512 páginas com orações e o mais ilustrados dos livros das horas medievais. Possui trezentas capitais representadas por ilustrações.

⁴ Historiador humanista italiano, nasceu em 1400 e morreu em 1457. Trabalhou a serviço do rei Afonso V de Nápoles. Responsável pelo livro de biografias *De viris illustribus*, uma importante fonte para a história da arte

trata-se do mais perfeito trabalho para a cartografia, pois não só define perfeitamente os continentes e mares, como também possui os mais ricos detalhes nas distâncias que os separam.

Leonardo Da Vinci foi quem mais desempenhou o papel de cartógrafo dentre os artistas conceituados do Renascimento, produzindo mapas que traçavam vistas aéreas das cidades italianas de Toscanas de Arezzo, Perugia, Chiusi e Siena (FIGURA 02), assim como um projeto do canal de Adorno, também na Itália.

Poucos foram os mapas que ficaram registrados como legítimas obras de arte. Mapas eram objetos de uso e destinados a uma atividade específica, o que talvez tenha prejudicado sua conservação ou mesmo reconhecimento de autoria.

Com o passar do tempo, mapas foram executados partindo de princípios da ciência geográfica que fizeram com que recebessem diversas formatações como símbolos, marcas, relevos, etc, para que facilitassem sua leitura. Desta forma, os mapas foram deixando de ter uma possível relação com a arte e passaram a ter um caráter mais técnico e de utilização mais massificada. Algumas técnicas foram adotadas para a produção dos mapas, como é o caso do primeiro registro fotográfico aéreo em 1903 pelo fotógrafo alemão Julius Neubronner⁵, fixando pequenas câmeras em pombos (FIGURA 03). Com o forte aumento das expansões territoriais e marítimas, as regiões foram sendo mapeadas e registradas por profissionais da área e, a partir de novas descobertas e estudos, a cartografia foi sendo atualizada e modernizada.

Artes plásticas e mapas

Como já foi falado, a relação entre Cartografia e Renascimento é bastante estreita na história. Artistas como Leonardo Da Vinci, Jan Van Eyck, Johannes Vermeer⁶, Rafael Sanzio, entre outros, já tiveram suas atividades voltadas para a produção de mapas. Talvez o mais notável entre esses artistas tenha sido o pintor Johannes Vermeer, que produziu dois quadros que continham de forma explícita a geografia. Porém, não apenas as pinturas "O geógrafo" e "O astrônomo" (FIGURAS 04 e 05) possuem essa ligação estreita com a cartografia. Em muitas outras obras de Veermer existem mapas ou globos terrestres compondo o ambiente. É

por conter a biografia de várias pessoas, inclusive artistas, de sua época.

⁵ Farmacêutico Alemão. Utilizou um pombo para registrar imagens aéreas através de uma mini câmera acoplada à um pombo correio que servia para o envio e recebimento de receitas médicas e remédios.

⁶ Johannes Veermer é um artista renascentista holandês. Autor da obra "Garota com brinco de pérola" que deu origem ao filme de mesmo nome.

possível que esses elementos estivessem presentes no ambiente em que as cenas foram retratadas, comprovando o interesse do artista pela cartografia.

Com o passar dos anos, o uso e a produção de mapas ficaram cada vez mais aprimorados pelas inovações tecnológicas. Mapas foram se desvinculando de uma produção manual do artista e passando a ser industrialmente produzidos ou disponibilizados virtualmente.

Recentemente, a 25ª e 26ª Bienais de Arte de São Paulo trouxeram temas que estavam diretamente ligados ao pensamento geográfico e às inquietações artísticas contemporâneas. O tema da 25ª Bienal foi *Iconografias Metropolitanas* e reuniu artistas com obras que tinham grandes metrópoles como inspiração. Já na 26ª, o tema *Arte em Território livre* teve o conceito voltado ao vazio, terra de ninguém, não apenas no campo geográfico, mas político e social. Ambas as bienais trouxeram artistas que possuíam em suas pesquisas a ideia cartográfica. Como exemplo a artista etíope Julie Mehretu com a obra "*Looking back to a Bright New Future*" de 2003 (FIGURA 06).

A exposição realizada em 2000 no Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro intitulada *Do Cosmógrafo ao Satélite - Mapas da cidade do Rio de Janeiro* trazia mapas antigos como peças de arte, recuperando, de certa forma, o estreito eixo entre cartografia e arte que teoricamente havia sido perdido. Dessa exposição foi lançado um livro de mesmo nome com textos de Celso Castro⁷, que comenta acerca da exposição que “em seu conjunto, a representação cartográfica revela uma ‘biografia’ urbana, através de instantâneos de uma identidade sempre mutante” (2000:p.15) o que pode ser reconhecido também no uso da cartografia por artistas para expressar um cotidiano comum, seja ele na vida em grandes cidades ou mesmo na ausência de estruturas sociais.

Apesar do uso de mapas em produção artística não ser o essencial ponto dos estudos desta pesquisa, o pensamento que muitas vezes esses artistas usam para formular suas poéticas acaba trazendo elementos de grande importância para o ensino de arte, tendo mapas e a cartografia como objetos de estudo.

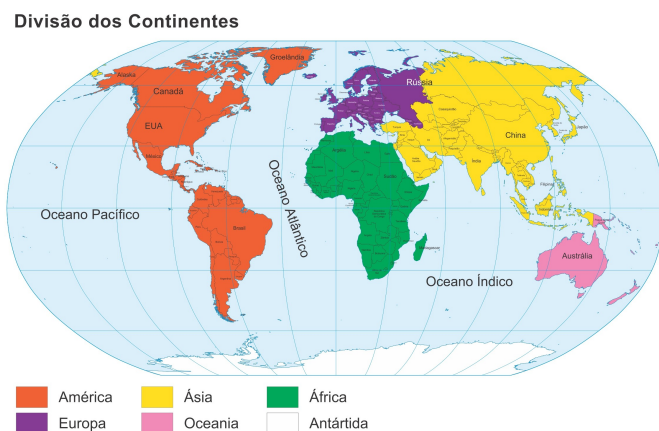
⁷ É pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da cidade do Rio de Janeiro.

Mapas e fundamentos da linguagem visual

A produção de mapas tem um salto quando comparados os séculos XIV ao XVI. Isso se deu pela forma com que esses mapas foram produzidos. A partir do momento em que o efeito das tonalidades desempenhou com maior clareza a representação dos relevos e outras marcações naturais do solo, os mapas também sofreram os efeitos da renascença, quando a representação fidedigna teve seu apogeu, buscando o aprimoramento visual, que deu a eles o caráter artístico e inovador daqueles séculos.

Quando pensamos em mapas como desenhos e, por sua vez, constituídos de elementos que também são encontrados em outras imagens, não podemos deixar de lado temas como volumes, cores, formatos e orientação. A constituição gráfica dos mapas dá infinitas aberturas para que não apenas a utilização regional dessas imagens possam ser absorvidas, mas também se transformar em eficazes ferramentas de percepção quando utilizadas no ensino de Artes.

Na imagem a seguir, existe uma pequena mostra do que podemos utilizar dos mapas como imagens e representar no que o livro *Sintaxe da Linguagem Visual* (Dondis, 1991) nos remonta como elementos das imagens:



Mapa criado através do programa CorelDrawn

Os continentes em cores diferentes já são ferramentas suficientes para que a comprovada eficácia do uso de mapas possa ser destacada. As cores são fundamentais para a compreensão de vários estudos artísticos, e o círculo cromático acaba sendo a ferramenta mais apropriada para introduzir o assunto, mesmo sendo sobre cartografia. Com o estudo das formas nos mapas, fica mais fácil a ligação entre regionalização e esses formatos, ou seja, um aluno que referencia determinada região à sua forma no mapa, potencializa a compreensão e o aprendizado sobre esse dado de maneira mais eficaz do que a simples apresentação deste mapa sem um maior aprofundamento na imagem.

Sônia Grubits (2003) afirma que Widlöcher⁸ (1998) cria uma oposição entre uma ideia de realismo intelectual contra representação aproximada em desenhos infantis, ou seja, as crianças desenhavam aquilo que se aproxima da realidade, mas a partir de sua própria leitura visual. Tendo essa afirmação como referência, conclui-se que algumas crianças percebem formas de objetos e seres existentes em vários elementos como nuvens, conformações de mofo ou rachaduras em muros, imagens abstratas e também mapas. Com isso, se pensarmos que dessa forma poderíamos explorar em uma turma de crianças esses atributos, criaríamos uma nova possibilidade de relações entre as formas e os estudos geográficos através da arte, reforçando ainda mais a contextualização entre estudos artísticos e geografia.

Mais do que o simples observar, o uso de mapas requer uma ligação entre o potencial estrutural imagético de mapas e os estudos geográficos. Além do auxílio ao aprendizado sobre cartografia, a análise imagética também contribui para o aprendizado com a experiência adquirida da junção entre mapas, formas e cores. Experiência essa que possivelmente possa ser executada em aulas de artes, criando assim uma verdadeira vivência de ensino multidisciplinar, onde esse aprendizado pode contribuir não apenas para o ensino da Geografia e da Arte, mas também de outras disciplinas como Literatura, Português e História, que, por ventura, venham a utilizar o uso de mapas em seus conteúdos.

Utilização da cartografia para a difusão cultural

A partir da existência de mapas, tem-se o surgimento da relação entre povos em forma de disputas e explorações territoriais graças ao pensamento norteador cartográfico. Situações como acumulação, sobreposição e interação de costumes culturais, tornam-se o resultado desse norteamento causado também pelo uso desses mapas. O que antes era apenas uma demarcação de territórios conhecidos ou recém descobertos, em um certo momento passa a ser uma ferramenta de multiplicação e embaralhamento de culturas (GEERTZ, 1999), gerando assim novos comportamentos culturais.

Muitas foram as migrações que ocorreram por todo o mundo fazendo com que o processo de troca fosse cada vez mais intenso. Alguns acontecimentos na História se deram por conta de povos que passaram décadas ou séculos imigrando para regiões desconhecidas e causando marcos nessa adaptação. Ao contrário dos mapas, que não estiveram presentes em todos esses acontecimentos, a ideia cartográfica sempre esteve, fazendo com que cada caminho que um determinado grupo tenha feito servisse para uma maior compreensão do

⁸ Daniel Widlöcher é psiquiatra, doutor em psicologia e psicanalista. Autor do livro "Psicodrama Infantil", 1970.

processo de mudança a que esse povo sofreu e imprimiu a partir do que é reconhecido como costumes culturais.

A ideia da formação das cidades foi um fator muito relevante para a possibilidade desse embaralhamento cultural. Quando não havia mais a necessidade da conquista de regiões, guerras territoriais e invasões, a constituição dessa miscigenação ocorreu de uma forma mais branda e pacífica, fazendo com que a cultura não fosse apenas imposta pelo invasor/conquistador, mas sim diluída entre os costumes já existentes naquelas cidades das emigrações.

Segundo Ítalo Calvino em seu livro *Cidades Invisíveis*, a cidade não é feita das descrições de seus formatos, mas sim dos acontecimentos do passado. Por isso é muito importante o registro das ações culturais de determinadas regiões. "A cidade deixa de ser um conceito geográfico para se tornar o símbolo complexo e inesgotável da existência humana". (1990, p.44). Essa existência compreende a formação do que podemos entender como forma estrutural de cultura, em que um indivíduo, quando adentra um território desconhecido, está se colocando à disposição de dois acontecimentos naturais: a absorção de novos comportamentos e a transmissão de seus próprios. "Os outros lugares são espelhos em negativos. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá." (1990, p.49). É devido a esse processo de negativos e sobreposições que o percurso influenciador da cultura por vários territórios distintos traz a importância de se pensar numa cartografia motivadora para esse processo.

Marco Polo foi o explorador que a história considera como o maior contribuinte ao conhecimento geográfico a partir da narração, mesmo que não existam provas de que todas as suas histórias foram realmente vividas por ele. O fato de ele ter narrado sobre diversos lugares o coloca nesse patamar independente de qualquer prova. No livro de Ítalo Calvino, são contadas várias histórias sobre cidades imaginárias, trazendo a discussão da importância do relato geográfico, podendo ser considerada uma forma cartográfica para a identidade e possível localização natalícia de tradições e culturas.

São muitas as formas do pensar cartográfico, desde o simples traço de um caminho na areia até o mais abrangente recurso tecnológico no *Google Earth*⁹. A cartografia auxilia tanto no reconhecimento do passado quanto na indicação do que ainda está por vir nas relações humanas, seja na História, na Geografia, na Antropologia, na Sociologia e também na Arte.

⁹ Google Earth é uma ferramenta produzida pelo Google com finalidade de observação de mapas através de imagens que variam entre fotografias, mapas ou relevos.

II - CIDADE E CULTURA

Processo cultural nas cidades

As cidades são formadas a partir da estruturação de um povo e não somente por demarcações geográficas. Mesmo que o processo de formação não seja o mesmo para todas elas, os fatos muitas vezes se repetem quando se referem a esse processo de constituição de uma vila, que posteriormente ganhará o aspecto de cidade.

Contudo, apesar de sabermos que um povo é o responsável pelo surgimento da cidade e seus elementos, a história geralmente se refere a apenas poucas pessoas.

...Roma dos arcos do triunfo, ou mesmo as portas de Tebas ou ainda a muralha da China não aparecem explicitamente ligadas ao trabalho de um homem (comum) de uma determinada sociedade. Na realidade, ignora-se totalmente esse fato. As conquistas aparecem vinculadas aos reis, aos líderes, quem constrói, quem conquista, quem destrói. (CARLOS, 1999, p.12)

Para os historiadores, o processo coletivo acaba sendo descartado, muitas vezes por falta de embasamento histórico ou mesmo por redução devido às informações pouco precisas. Dessa forma, até mesmo os escolhidos como feitores das grandes ações acabam sendo colocados como entidades e o que se tem são grandes ações executadas por líderes que, devido à dimensão dos feitos, torna impossível que apenas uma pessoa tenha realizado tudo, fazendo dela quase um semideus¹⁰ como é o caso do conquistador territorial Alexandre, o Grande.

Porém, por trás de todas as conquistas e grandes guerras, existe um povo não especificado em livros, o qual contribuiu com os fatos que estão incluídos no processo cultural em torno destes grandes acontecimentos, deixando sua contribuição através do processo cultural das cidades, muitas vezes por conta de suas movimentações geográficas, com ou sem o auxílio cartográfico.

Ana Fani A. Carlos, em seu livro *A Cidade*, discorre acerca da ação do homem na constituição da cidade, passando este a ser o centro da discussão sobre espaço, pois ele o produz e não apenas o habita (1999, p.27). Muito antes de se pensar em cidade, devemos nos deter na maneira em que surgiu a ideia de "cultura" para, a partir daí, entendermos quando, de

¹⁰ Nome dado aos filhos de deuses com seres humanos na mitologia. Significa um ser humano com atributos de deuses.

fato, o processo cultural pôde contribuir para que a cidade existisse como vemos hoje as grandes metrópoles, a exemplo da cidade de São Paulo.

O convívio em sociedade não é um comportamento exclusivo do homem, já o desenvolver de uma cultura o é. O processo cultural do homem não se refere à hereditariedade, mas sim às influências e convivências culturais que os indivíduos têm como referência durante suas vidas (LARAIA, 2005, p.36 apud KROEBER, 1917). Exatamente por isso, que o homem se destaca superior aos demais animais, "o homem passou a ser considerado um ser que está acima de suas limitações orgânicas" (LARAIA, 2005, p.44)

Dentro de uma mesma civilização, muitas são as influências culturais que podem existir. Uma cidade que se iniciou por conta de um grupo cristão que, conseqüentemente resultou na construção de uma catedral e assim foi agregando outros povos e posteriormente comércios, postos de saúde, prefeitura, etc, não necessariamente se restringirá à cultura cristã por toda a sua existência. Muito em breve também surgirão grupos de outras religiões que passarão a influenciar tanto pessoas anteriormente orientadas pelo cristianismo quanto novos integrantes dessa cidade, o que poderá ocasionar o aparecimento de uma nova religião naquele lugar. Neste caso, temos a religião como exemplo de processo cultural. Porém, outro modelo poderia também ser citado, como outros comportamentos culturais que não fossem religiosos apenas. Um integrante de uma tribo indígena, ao se mudar para uma cidade, passará, com o tempo, a se comportar como a maioria das pessoas, ocasionando a integração e acumulação culturais e não necessariamente, em um primeiro momento, a sobreposição.

A utilização de cidades para falar de assuntos que abordem cultura em um todo nem sempre será, sozinha, o mecanismo mais abrangente para compreender o desenvolvimento cultural da sociedade, mas serve como uma primeira referência quando a existência da manifestação cultural é relacionada ao acúmulo de pessoas e comportamentos. Desta forma, o que torna essas cidades um exemplo fácil desta compreensão é o fato de possuírem nitidamente estes acúmulos, desde os mais simples como imigrações entre estados até os mais complexos como é o caso de grandes invasões na antiguidade.

Como observado por Carlos (1999, p.59), só devemos pensar na cidade como espaço geográfico determinado pelo homem, quando este o tiver produzido (também pela cultura), já que o espaço geográfico é algo isolado à existência dele. Assim, as cidades são produtos da relação entre homem, natureza e cultura, de modo a possuir um dinamismo comum ao longo do tempo e a partir de suas próprias histórias.

Cultura e seu processo migrante

Retomando a antiguidade como exemplo, quando o homem ainda não possuía um lugar fixo para morar e praticar atividades rotineiras, o processo cultural ocorria de forma mais dinâmica e menos influenciadora. O acúmulo, sobreposição e interação de culturas não se davam com a mesma intensidade do período em que as cidades começaram a surgir, pois os povos, geralmente, viviam em lugares vazios e suas relações quase sempre eram com os mesmos integrantes da população.

Quando o cultivo da terra passa a ser o referencial de vida dos povos, essa intensidade nos processos de acúmulo, interação ou sobreposição de comportamentos culturais começa a transformar a vida das pessoas. Com o surgimento das relações entre culturas, os processos tecnológicos, literários, religiosos, entre outros, também começam a ser trocados, criando assim um efeito multiplicador do conhecimento.

A ideia desse trabalho é buscar uma orientação no processo cultural migrante em que toda e qualquer cidade passe ou tenha passado, para uma análise desse comportamento como requisito de estudo cultural na Arte. Para isso, se faz necessário que exista a compreensão de como surgiu o máximo possível de itens culturais de determinada região e só a partir disso, saber em que ponto outra região que tenha sido influenciada de alguma forma pela primeira possa ter elementos reconhecíveis do processo cultural inicial. Mesmo que haja várias modificações no passar dos anos e na distância percorrida, o processo influenciador cultural é contínuo.

Somos hoje um produto de vários elementos culturais que foram agregados ao longo dos anos. O reconhecimento desses elementos torna a compreensão do universo cultural artístico ainda mais interessante e completo. A atividade de reconhecimento da cultura de um grupo de pessoas passa a ser o interesse máximo dessa proposta, já que a percepção e utilização de vários desses itens culturais, sejam eles da atualidade ou mesmo de um passado longínquo, faz com que as relações surjam, facilitando assim a compreensão e o estudo da arte.

O desenvolver dessa proposta se dá com o uso dos mapas como regionalização contextual, ou seja, o reconhecimento de onde se está, juntamente com o lugar onde o percurso dessa atividade chegará. A partir dessa regionalização, tem-se uma maior noção de quais processos migrantes serão analisados para que se defina onde estará o ponto de chegada da proposta. Para uma maior compreensão, no decorrer desse trabalho será apresentada uma experiência em sala de aula, tendo como escolha de ponto de partida um lugar no passado

(Portugal de 1480) até um lugar no presente (Distrito Federal de 2013), criando assim um trajeto do qual foi analisado o máximo possível de processos migrantes nesse percurso.

Patrícia L. Stuhr, faz uma relação entre nômades e a sociedade de hoje, colocando em questão um mundo menos sedentário e mais viajado, mesmo que de forma virtual, trazendo uma percepção maior ao que diz respeito à gama complexa de imagens que a sociedade contemporânea tem recebido como informações. Isso faz com que o estudo da cultura visual fique ainda mais importante e fundamental (STHUR, 2011 In MARTINS e TOURINHO, 2011, p.133). O processo migrante também se dá nas relações virtuais através dos meios tecnológicos, abrindo ainda mais o leque geográfico sobre as sobreposições, interações e acúmulos culturais

Arte/Educação a partir da cultura migrante

O processo migrante da cultura possui diversas formas de atuação e manifestação como fonte de estudos na História, não apenas seu uso através dos costumes ou da cartografia, mas também como compreensão de como um núcleo civilizador se inicia e se incorpora para uma possível continuidade de hibridações interculturais (CANCLINI, 1997, p.284).

Atualmente, várias são as discussões sobre as formas mais adequadas de ensinar arte a partir do uso de imagens da cultura visual, trazendo elementos da cultura de massa para criar relações entre o cotidiano dos alunos e o contexto a ser estudado. No livro Educação da cultura visual - conceitos e contextos, Fernando Hernández traz uma nova forma de conceitualização da cultura visual através do uso e estudo das imagens. Ao invés de restringir o indivíduo à perguntas como : "o que você vê nessa imagem?" ou "qual história conta essa cena?", Hernández defende que este passe a se questionar de outra forma, como: "o que vejo de mim nessa representação visual?", "o que diz esta imagem de mim?" ou "como essa representação contribui na minha construção identitária, como forma de ver-me e ver o mundo?" (2007, p.38).

Uma busca mais aprofundada no que tange a cultura influenciadora desses relatos acaba não sendo abordada nas escolas de forma contundente, fazendo com que a educação da arte fique sempre muito presa às belas artes e seus doutrinamentos. Como afirma Hernández, "... uma determinada visão de arte (ocidental, masculina e branca)" (2007, p.37), na qual são valorizados os ultrapassados preceitos e pouco são exploradas as diversas formas de estudar Arte e cultura visual. Desta forma, os assuntos que estão relacionados ao processo cultural

acabam sendo desmembrados do ensino tradicional, ficando disponíveis apenas para interessados em uma pesquisa mais aprofundada.

Este trabalho visa alavancar de forma conceitual os elementos culturais migrantes, ou seja, elementos constituintes da formação de determinada cultura, para que o estudo da arte em determinado período e/ou lugar não apenas seja visto de acordo com os produtos finais das manifestações artísticas dos povos - obras de arte - mas, sim, o processo cultural em que foi alcançado para justificar a produção das mesmas. Como afirma Canclini, "sem dúvida, a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural" (1997, p.285), fazendo disso um rico material para compreensão, tanto de nossa cultura, como de outras que, por ventura, exerceram ou exercem influências sobre nossos comportamentos.

Para esse estudo, que utiliza mapas para conceitualizar o possível processo de transformação do comportamento cultural e de identidade desde seu surgimento até os dias atuais, a pesquisa é definida por um caminho geográfico, assunto que será melhor exemplificado mais a frente. Os mapas em questão possuem formas e cores que são elementos complementares a um pensamento rizomático¹¹ para o estudo da arte. Eles não apenas servem para que o sujeito se localize (em um pensamento geográfico), mas tenha, a partir da ideia regional, toda a trama em que as culturas foram e são submetidas, fazendo com que se obtenha uma compreensão facilitada desse processo.

Cabe ressaltar que os estudos sobre cultura visual na arte-educação são relativamente recentes, posteriores a década de 80, assim, o surgimento de técnicas e propostas para o estudo desse tema na arte são processos que estão em frequente mutação. Isso faz dessa pesquisa apenas um novo caminho para que a influência cultural a partir das migrações de povos, juntamente com o percurso geográfico traçado por essa influência, possa virar um "acontecimento pedagógico" (MARTINS e TOURINHO, 2011, p.9) nas salas de aulas, contribuindo ainda mais para a percepção do indivíduo, tanto da sua cultura quanto a do processo cultural migrante de qualquer outra região.

¹¹ Rizomático na filosofia, segundo Deleuze e Guattari, denota a ramificação de ideias sem uma ordem prioritária a ser seguida. Na Arte pode ser a estrutura em que uma mesma imagem sirva de estímulo para que várias outras relações possam ser elaboradas a partir de um mesmo ponto sem relação sequencial.

III - PROPOSTA PRÁTICA

Modelo para utilização de mapas como ensino de Arte

Como visto anteriormente, os mapas possuem, em sua forma estética, diversos elementos visuais. São eles: forma, linhas, cores, volumes, orientação, etc. Esses elementos sugerem regiões que são, muitas vezes, palcos para diversas formas de manifestações culturais de povos que habitaram ou habitam esses lugares.

A proposta desse trabalho é a utilização dos mapas como ferramentas de ensino. A partir de um contexto já pré-estabelecido pela História da Arte seriam marcadas as influências culturais de outras regiões que contribuíram para o processo da cultura em questão juntamente com o aproveitamento didático dos elementos estéticos dos mapas utilizados.

De início, o tema a ser estudado terá sua fundamentação feita através dos estudos disponibilizados nos livros de Arte convencionais, apenas tendo como interferência do professor/mediador a introdução e criação do percurso cartográfico e uma possível geolocalização. As novas referências incluídas no assunto estudado serão complementadas através da ideia de migração.

Não é a intenção mostrar que os estudos tradicionais e humanistas sobre a contextualização da Arte em diversos períodos sejam falhos ou ineficazes, mas a percepção geográfica, no momento em que uma determinada cultura é estudada, traz diversas outras questões que podem gerar um melhor aprendizado, ainda mais quando vinculadas às referências do cotidiano desses alunos.

Considerando que os mapas fazem parte da cultura visual com suas configurações imagéticas, é possível que eles sejam utilizados como representantes em estudos culturais do momento tecnológico que estamos vivendo. Uma reflexão sobre isso seria o constante uso de GPS¹² e outros mecanismos de localização que utilizam a cartografia como base. Essas ferramentas já estão disponíveis de forma massiva e gratuita em quase todos os computadores e celulares, tornando-se parte consolidada do cotidiano das pessoas e reforçando ainda mais o senso comum das noções geolocalizadas. O estudo aqui proposto visa a utilização de qualquer ferramenta geográfica, não excluindo o uso de mapas convencionalmente impressos e utilizados ainda para aulas de geografia. Portanto, não tem como único objetivo o estudo da imagem material e tradicionalmente impressa.

¹² Global Position System (Sistema de posicionamento global) - Tecnologia que auxilia um receptor a se localizar através de coordenadas geográficas enviadas por satélites.

A arte-educação precisa mudar para que possa abordar os efeitos sociais da proliferação sem precedentes da imagética comercial que, atualmente, satura a vida diária em várias partes do mundo. O modo como vivemos hoje - como vivem, em especial, nossos alunos eletronicamente conectados - é muito diferente do mundo retratado pela prática educacional artística convencional. (DUNCUM, 2011 In MARTINS e TOURINHO, 2011, p. 15)

Também em seu texto "Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer" (2011, p.15) Paul Duncum coloca os novos pensamentos sobre o ensino da arte em contraposição com as ideias mais antigas, dando maior ênfase ao uso de imagens da cultura visual, ou seja, imagens que estão vinculadas ao cotidiano das pessoas, estando elas em revistas, televisão, jornais, filmes, etc. Os estudos de arte precisam se aprimorar para que tenham maior representatividade sobre as novas tecnologias em que o mundo está se conectando.

Aplicação

Para reforçar a metodologia desse projeto, incluí-se nesse capítulo a experiência prática da proposta em questão. Algumas observações são contundentes para a compreensão desse projeto.

A experiência consiste no relato feito a partir de uma oficina realizada para uma turma de alunos com idades que variavam entre 14 e 18 anos pertencentes a Escola PROEM (Promoção Educativa do Menor) que recebe alunos ditos 'problemas', sem perspectiva de mudanças, que por motivos diversos não são mais aceitos em escolas regulares do Distrito Federal e entorno.

A oficina abordou a forma como o processo cultural migrante trouxe ações, comportamentos, obras de arte e músicas ao cotidiano desses alunos. Como reforço argumentativo ao que Canclini diz sobre as hibridações, fica bastante evidente que elas ocorrem através de relações, perdendo esse contato exclusivo com o seu território e rompendo fronteiras (1997, p.348). Para isso, foi utilizada a ideia de "viagem" que iniciada em Portugal e concluída no Distrito Federal, região onde todos residiam. O formato "viagem" foi escolhido como forma lúdica para deter a atenção dos alunos, podendo ele variar de acordo com as suas idades e os assuntos a serem tratados em sala de aula.

Os encontros com os alunos ocorreram nas manhãs das terças-feiras, durante três semanas. No início, o conteúdo ainda estava diversificado, já que não se sabia qual seria a

reação dos alunos frente a um dinamismo diferente ao que eles estavam acostumados. A aula foi iniciada com uma conversa sobre a proposta da oficina. Logo, a imagem do globo terrestre com continentes em cores diferentes fez com que a proposta tomasse um rumo próprio, já que a intenção da oficina era de usar os assuntos cartografia, arte, continentes e cores para desdobrar o maior número possível de outros assuntos pertencentes ao cotidiano dos alunos. Como se tratava de uma turma muito diversificada, partiu-se, a partir do ciclo cromático, a explicação da divisão das cores em primárias, secundárias e terciárias, utilizando suas roupas ou acessórios para demonstrar como seriam as combinações de certas cores.

No primeiro encontro, foram tratados assuntos como: povos africanos, indígenas, portugueses e indianos, regiões como Canadá, Américas do Norte e do Sul, os oceanos, navios a vela e a motor, além de cores. Os assuntos foram explorados de forma rizomática e direcionados pelos slides e pela própria vivência de cada um. Isso mostrou que também é possível a compreensão dos assuntos tratados mesmo quando eles surgem de forma natural, dessincronizados de uma estrutura com início e fim como em um livro. Essa experiência mostrou que o conteúdo pode ser ministrado a partir de questões propostas pelos próprios alunos e não a partir de um roteiro pré-definido. Em um certo momento da oficina falava-se sobre emprego, disputa por mercado de trabalho e entrevistas de emprego. Ou seja, criou-se uma relação verdadeira entre o conteúdo e a vivência dos alunos. Ao final desse dia, foi pedido aos alunos que desenhassem, de memória, alguma parte do mapa apresentado e depois fizessem o mapa do percurso do ponto de ônibus que desciam até à escola.

Nas oficinas seguintes, os alunos estavam mais adaptados à proposta e sabiam que o que os esperava não era uma aula de artes convencional. O mapa mundi foi novamente mostrado no projetor para que eles fizessem novas relações e assim chegassem a novas significações a partir do conteúdo proposto. Uma pequena revisão foi essencial para retomada do processo alcançado no encontro anterior, no intuito de explicar a alguns alunos que haviam faltado. Nesse segundo dia, a "viagem" chegou na região nordeste do Brasil, citando a dominação portuguesa sobre os índios e o interesse nas riquezas da terra. Esse processo colonizador contribuiu para as primeiras manifestações artísticas e também para a constituição cultural do país através de migrações e transformações por sobreposição. Foi incentivada uma suposição de como a população seria se não houvesse sido colonizada por europeus. Como seria sua fisionomia, sua língua e principalmente a arte tradicional?

Foram apresentadas aos alunos algumas imagens das obras da Adriana Varejão¹³, que remontam através da arte contemporânea esse tempo colonial, utilizando por exemplo azulejos portugueses. A partir dessas obras, composta de "vísceras" a mostra que saem dos azulejos, criou-se um momento muito interessante na oficina. O espanto causado por algo muito pesado e diferente do habitual trouxe o questionamento sobre a obra da artista. Alguns alunos disseram ser nojento, outros não acreditaram que aquilo tivesse sido produzido por uma pessoa. Através da reflexão sobre a representação da violência e agressão aos povos indígenas do nosso remoto Brasil, os alunos começaram a perceber a função da obra da artista.

Ainda “viajando” pelo Nordeste, foram apresentadas as relações entre Europa e a cultura nordestina, especificamente em Pernambuco, as festas juninas. Alguns elementos principais foram destrinchados de forma que os alunos aprendessem sobre as influências relacionadas a cada um deles. Nesse caso, as festas juninas são derivadas de festas cristãs em homenagem a São João, que foram derivadas por sua vez de festas pagãs, anteriores ao cristianismo, que comemoravam o solstício de inverno¹⁴. Assim, como desdobramento do festejo junino, seguiu-se a explicação dos elementos que o compõem. A fogueira remete ao posicionamento do sol durante o solstício, aos fogos de artifício como influência do mercado entre China e Europa e aos balões que eram usados para informar que os festejos estavam para começar; as bandeirinhas são variações do antigo ritual da procissão com bandeiras dos santos Antônio, João e José, que eram banhadas no rio que alimentava os vilarejos e depois eram estendidas no lugar mais alto possível para bênção geral dos povos. Assim, com o tempo, esse costume foi relacionado à multiplicação das bênçãos pelo excesso que fez com que elas sejam hoje usadas como um teto de bandeirolas nas festas. Por fim, foram exploradas as comidas, que possuem inúmeras particularidades brasileiras. Para o final dessa segunda aula, os alunos tiveram que desenhar seus próprios azulejos com imagens ou desenhos de sua própria criação. Muitos deles usaram o próprio conteúdo das oficinas para criar seus desenhos, já outros fizeram relações a azulejos de Athos Bulcão¹⁵ e a dificuldades passadas como o vício em entorpecentes.

¹³ Artista brasileira carioca. Conhecida mundialmente por seu trabalho visceral com fortes influências coloniais em seus trabalhos como por exemplo a azulejaria portuguesa e toda a agressividade aos índios que aqui viviam.

¹⁴ A inclinação de aproximadamente 23°27' do eixo de rotação da Terra com relação ao eixo de translação proporciona uma distribuição desigual dos raios solares entre os Hemisférios Sul e Norte. Sendo assim, em um determinado período do ano, a luz solar incidirá com menor intensidade sobre um dos hemisférios.

¹⁵ Foi um artista plástico e professor carioca que ficou bastante conhecido por seus azulejos que compõem o cenário brasiliense.

Na terceira e última oficina, a "viagem" trouxe os alunos ao Distrito Federal, onde existe a cultura de festas juninas muito forte e consolidada. Foram apresentadas algumas obras do artista Volpi¹⁶, que utiliza elementos da cultura popular para produção de obras de arte. Neste terceiro dia, ocorreu o encerramento das oficinas e foi de suma importância a recapitulação de todos os tópicos para uma maior fixação do conteúdo por parte dos alunos. Foi aplicada uma atividade em grupo, como incentivo ao pensamento sobre a "zona de convivência proximal" (VYGOTSKY, 1978) e de convivência (MATURANA, 1998) entre eles, na qual foi projetado em um grande papel pardo o mapa mundi, o qual eles tanto visualizaram e falaram sobre durante as oficinas. Foi proposto aos alunos que fossem até o mapa e desenhassem aquilo que mais os tocaram nas oficinas e relacionassem os elementos com suas localidades no mapa.

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência (MATURANA, 1998, p. 29).

Primeiramente os alunos fizeram o contorno dos continentes e escreveram os nomes dos países que lembravam. Posteriormente foram incluindo elementos das festas juninas, de culturas africanas, portuguesas e chinesas, escreveram o que haviam aprendido sobre alguns territórios e ao final, foram destacando os significados desses desenhos e palavras escritas seguidos de uma nova revisão de tudo que foi falado nas oficinas (FIGURA 7 E 8).

Como percebido, o acontecimento da proposta pode tomar um rumo diferente do programado, porém, a riqueza de elementos culturais e migrantes de outras nações e culturas pode acontecer quando for feito uso de um percurso territorial ou temporal para explicar cultura e arte. Muitos são os elementos que envolvem o contexto de um processo, seja ele colonizador ou descobridor, ou mesmo de aspectos marginais dessas culturas, entretanto, cabe ao professor/mediador estar preparado para que essas orientações sejam relacionadas no momento da experiência da oficina cartográfica de Arte.

Para a proposta deste estudo existe uma mudança em relação às oficinas aplicadas em minha experiência de estágio, quanto à concepção final do trabalho, que foi necessária para que o percurso doutrinado pelo fator cronológico não dificulte que os alunos se sintam atraídos pela proposta logo no início da atividade. Sendo assim, faz-se necessária uma nova estratégia, a qual mudaria a normativa cronológica, fazendo com que a "viagem" não fosse do

¹⁶ Alfredo Volpi, artista italiano que veio para o Brasil ainda muito novo. Ficou conhecido por suas pinturas que retratam cenas cotidianas e posteriormente reduziu a geometrização em forma de bandeirolas.

passado para o presente, mas sim, partindo dos elementos contemporâneos da cultura visual desses alunos, remetendo de forma mais natural a passados cada vez mais distantes até que se alcance o ponto, que anteriormente era de partida e agora se transforma em chegada.

Para que a proposta não se torne um estudo doutrinador, faz-se necessário que o processo rizomático, partido da vivência desses alunos, juntamente com a mediação do professor, se transforme em percursos anacronológicos, territoriais ou temáticos. Porém, é imprescindível que a formatação deste não interrompa nenhum processo natural desses alunos com a leitura dos elementos dos seus cotidianos e que no final se tenha o máximo de assimilações. No livro *Educação da Cultura Visual - conceitos e contextos*, Irene Tourinho e Raimundo Martins também comentam em seu texto sobre a forma com que algumas instituições tratam a educação visual, instituindo, homogeneizando ou até mesmo restringindo o modo de ver dos alunos (2011, p.62). Portanto, não faria sentido que um estudo que preza pela liberdade de conexões tenha, como única e exclusiva forma, um percurso determinado anteriormente aos demais processos, os quais serão responsáveis por toda a gama de informações levantadas.

CONCLUSÃO

A cartografia é um tema bastante amplo para os estudos gerais que abordam ou não assuntos territoriais e também culturais. Já o uso de mapas não necessariamente estará vinculado aos temas cartográficos, já que territórios e suas demarcações sempre serão e estarão desvinculados de qualquer representação gráfica para existirem.

Os mapas estiveram e estão presentes de várias maneiras na Arte, porém, como instrumento de significação territorial artística e de composição imagética ainda falta muito para que possam desempenhar todo o potencial disponível para esses temas.

Nesse trabalho, houve a tentativa de conscientização de que mapas, apesar de não serem os principais objetos de estudo para tratar temas como cultura, migrações e possíveis processos artísticos influenciadores, estão relacionados às questões espaciais e territoriais. Exatamente por essa ideia de geolocalização que surge a proposta de agrupar essas referências com assuntos que abordem o processo constitutivo da história da arte através das relações culturais entre os povos.

Também, é de interesse desse estudo, o incentivo ao uso dos mapas para tratar questões imagéticas, já que pela cultura visual é de suma importância que a leitura de imagens seja reforçada sempre nos estudos da Arte, fazendo com que não apenas os contextos históricos sejam ferramentas para o processo rizomático explicado aqui, mas que também formas e cores possam trazer, livres de qualquer significação doutrinada, referências adicionais à cadeia processual do aprendizado.

Não é de interesse desse projeto que todos os elementos que fazem ou fizeram parte constitutiva da história artística de uma determinada cultura sejam levantados e colocados como conteúdo aos alunos, mas, que temas cruciais, relacionados principalmente com a vivência deles, possam surgir através do uso cartográfico como maior compreensão do surgimento da cultura em questão.

A ideia de incluir ao estudo da Arte um processo migrante cultural com auxílio de mapas que, para a nova compreensão da proposta, marcam um percurso que parte do presente para o passado e não mais o inverso, faz com que as particularidades do processo constitutivo não fiquem tão distanciadas do cotidiano dos alunos de vários anos do ensino regular, já que as atuais relações culturais estão em constante mutação e são intensificadas pelas relações virtuais. Assim, nada mais atrativo para que as portas estejam abertas ao aprendizado do que a própria relação entre os itens e o cotidiano dos alunos, fazendo com que o processo rizomático seja ainda mais intenso, tendo em vista que o número de ligações é aumentado

com a inclusão de objetos e itens da vida desses indivíduos. Por conseguinte, o aprendizado, torna-se natural se não for imposto como conteúdo escrito e determinado, desde que haja uma compreensão aprofundada de como os itens culturais foram se transformando e chegaram à estrutura em que vemos hoje.

ANEXOS

FIGURA 01 - "*Très Riches Heures*" Dos irmãos Limbourg



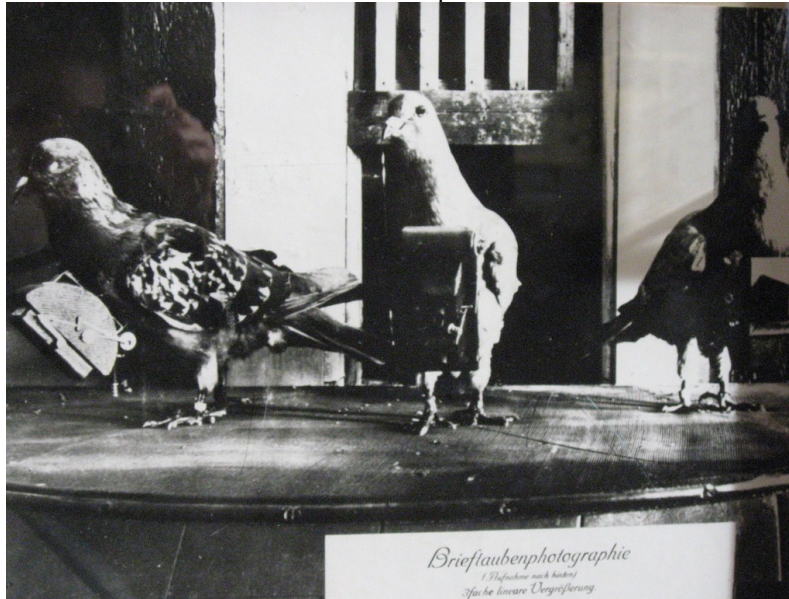
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Labors_of_the_months_in_Tres_Riches_Heures_du_Duc_de_Berry1.jpg Acessado dia 19/09/2013

FIGURA 02 - Mapa de Toscanas de Arezzo, Perugia, Chiusi e Siena - Leonardo Da Vinci



Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Leonardo_da_vinci,_Map_of_Tuscany_and_the_Chiana_Valley.jpg Acessado dia 19/09/2013

FIGURA 03 - Pombos com câmeras acopladas - Julius Neubronner



Fonte: <http://www.raphabathe.com.br/a-primeira-foto-aerea-da-historia/> Acessado em 22/09/2013

FIGURA 04 - "O geógrafo" Johannes Vermeer



Fonte: <http://artemazeh.blogspot.com.br/2011/10/franz-hals-rembrandt-vermeer-mestres.html> Acessado dia 23/09/2013

FIGURA 05 - "O astrônomo" Johannes Vermeer



Fonte: <http://vermeer0708.wordpress.com/about/> Acessado dia 23/09/2013

FIGURA 06 - "Looking back to a Bright New Future" - Julie Mehretu



<http://www.asmoarts.com/2011/01/introducing-julie-mehretu.html> Acessado dia 02/12/2013

FIGURA 7 - Atividade final das Oficinas - "Mapa de memória e estampa para azulejaria"



Arquivo Pessoal

FIGURA 8 - Atividade final das Oficinas - "Mapa Colaborativo"



Arquivo pessoal

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão**. São Paulo: Editora Nova Versão, ed.2012
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. Lisboa: Editorial Teorema, 1990
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- CARLOS, A.F.A. **A Cidade**. São Paulo: Editora Contexto, 4ª edição 1999
- CASTRO, Celso. **Uma viagem pelos mapas do Rio**, in CZAJKOWSKI, Jorge. (Org.). Do cosmógrafo ao satélite. Mapas da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Banco do Brasil/Prefeitura do Rio, 2000.
- DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.
- DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FIALHO, Daniela Marzola. **Arte e Cartografia**. Texto apresentado no I Seminário Arte & Cidade realizado em Salvador, durante Maio de 2006. Disponível em: www.artecidade.ufba.br/st3_DMF.pdf
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 16ª edição. Ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1999
- GREENBERG, Clement. **Arte e Cultura**. São Paulo, SP. Editora Cosac Naify, 2013.
- GRUBITS, Sônia. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. Artigo apoiado pelo CNPq. Psicologia em Estudo. Universidade Católica Dom Bosco. Maringá.2003.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre, RS. Editora Mediação, 2007.
- JULY, Fernand. **A Cartografia**. Tradução Tânia Pellegrini. - Campinas, SP: Editora Papirus, 1990.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura - Um conceito antropológico**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- MARTINS, Raimundo e Irene Tourinho. **Educação da cultura visual - conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Ed. UFMG, 1998.

MOSÉ, Viviane. **A Escola e os Desafios Contemporâneos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SEEMANN, Jörn. **Arte, conhecimento geográfico e leitura de imagens: O geógrafo, de Vermeer. Dossiê - A Educação pelas imagens e suas geografias**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a04.pdf> - Acesso em outubro de 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2007.